

O Mackenzie passou por aqui: itinerários culturais na cidade de São Paulo

Luciene Aranha Abrunhosa

Mestranda em Museologia no Programa de Pós-Graduação Interunidades em
Museologia da Universidade de São Paulo.

Curadora do Centro Histórico e Cultural Mackenzie – São Paulo – Brasil.

E-mail: luciene.aranha@usp.br

Clarissa Maria Rosa Gagliardi

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Professora da
Universidade de São Paulo

E-mail: clarissamrg@usp.br

Resumo

A partir da identificação de um conjunto de bens culturais que demarcam a presença da arquitetura produzida por alunos egressos e professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie na região central de São Paulo, este trabalho propõe uma concepção alargada de percurso museológico, conectando o Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM) à cidade. O acervo e as atividades educativas já desenvolvidas pelo CHCM somados à ideia de que artefatos urbanos podem ser entendidos como objetos em exibição, oportunizam a releitura do legado urbanístico mackenzista como um acervo extramuros. O trabalho propõe assim, explorar essa memória por meio de itinerários culturais como uma ação de comunicação museológica alargada, que ao mesmo tempo aproxima a comunidade da instituição e amplia as possibilidades de percurso turística na cidade.

Palavras-Chave: Memória Institucional; Museu e cidade; Itinerários culturais; Mackenzie

1 INTRODUÇÃO

O Mackenzie é uma instituição de ensino presente desde 1870 na região central da cidade de São Paulo e abriga o Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM) desde 1997. Sua sede está no edifício construído entre os anos de 1894 e 1896 para abrigar a Escola de Engenharia. O imóvel foi tombado na década de 1990 em nível estadual, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), e municipal, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP).

A finalidade do CHCM é manter viva a memória da comunidade ligada à

Instituição, conscientizando-a da importância da preservação cultural e estimulando a recuperação do seu legado, em diálogo com a cidade cujo crescimento ocorreu *pari passu* à instituição. Seu acervo é composto por documentos produzidos ou adquiridos pelo Instituto e pela Universidade Mackenzie em suas mais diversas unidades e setores. São documentos institucionais de guarda permanente que remontam a origem da Instituição como relatórios anuais do início do século XX, livros de matrícula e fichas de alunos. Reúne também um relicário de obras raras, fotografias, documentos audiovisuais e objetos que constituem o acervo museológico, como troféus, quadros e flâmulas. Suas atividades incluem a difusão desse acervo e a busca de um diálogo mais próximo com a comunidade circunvizinha, com os habitantes e visitantes interessados em conhecer a cidade de São Paulo. A Escola de Engenharia ocupa aí um espaço privilegiado em função da relevância dos documentos que registram sua trajetória pedagógica, as referências sobre seu corpo diretivo, seus docentes e discentes, com atuações expressivas em diferentes áreas da engenharia, na construção civil, no processo de industrialização e nos avanços tecnológicos do século XX, imprimindo marcos permanentes na cidade. É assim, pois, que neste trabalho toma-se o *território como museu e seus monumentos irremovíveis como objetos em exibição* (WHITEHEAD, 2000, p. 161) para potencializar as ações de comunicação do CHCM.

Valemo-nos de uma proposta "flexível" de percurso museológico, cuja intenção é articular o Centro Histórico e Cultural do Mackenzie a um conjunto de objetos considerados aqui um "acervo do Mackenzie extramuros", ampliando assim as possibilidades de compreensão do papel desta instituição na cidade em diálogo com as mudanças urbanas. Para tanto, são centrais as perspectivas de observação do urbano apresentadas pelo professor Ulpiano Meneses, bem como suas reflexões sobre museus que *miram a cidade e operam sobre ela* (2004). Por meio de processos de comunicação multissensoriais ancorados na potência da ambiência da rua e na materialidade dos objetos mantidos em seu lugar de origem, é possível observar a cidade a partir das três dimensões fundamentais propostas por Meneses, percebendo-a como *artefato* - enquanto coisa feita, produzida e socialmente apropriada - , como *campo de forças* - enquanto espaço de tensão, conflito, interesses em confronto - e como *representação social* - enquanto práticas que dão sentido e significação ao artefato, ao mesmo tempo em que ele próprio alimenta informações e sentidos que se projetam noutras práticas, produzindo efeitos e comportamentos socialmente produzidos e reproduzidos (Meneses, 2004, p. 262-263).

Importa frisar que diante da complexidade do tema da urbanização e da verticalização de São Paulo no início do século XX, suas condicionantes, suas influências, seus agentes, seus efeitos práticos e simbólicos, sua ação implacável no destino da cidade, embora componham o contexto em que foram concebidos os edifícios mackenzistas que tomamos como ponto de partida para nosso itinerário, são questões que ficarão aqui apenas indicadas como possibilidades de percursos e narrativas. Nos deteremos assim, apenas na proposição do percurso como ação de comunicação museológica capaz de amplificar as possibilidades de valorizar, comunicar e colaborar para a salvaguarda da memória institucional em tela. Desta forma, a estrutura do texto contempla inicialmente algumas referências culturais que permeiam a fundação do Mackenzie, como os ideais progressistas norte-americanos que marcaram sua proposta pedagógica, especialmente no tocante à sua escola de Engenharia, passando posteriormente pelo mapeamento de algumas edificações de mackenzistas presentes do centro da cidade como estratégia de extroversão do acervo do CHCM e concluindo com os desafios e oportunidades que esta prática dos itinerários urbanos nos coloca

como instrumento pedagógico, ação de salvaguarda e tomada de consciência sobre as questões urbanas.

2 MACKENZIE: REFERÊNCIAS CULTURAIS E PEDAGÓGICAS

A fundação do Mackenzie se dá na casa do casal de missionários presbiterianos George e Mary Ann Annesley Chamberlain. Desde seu início teve como concepção educacional os ideais cristãos de promover, na formação dos indivíduos, o desenvolvimento social, moral, físico, intelectual e espiritual. Esta concepção, pioneira no Brasil do século XIX, se aplicou na utilização de um sistema pedagógico norte-americano baseado na filosofia do teórico Horace Mann, que tinha como visão educacional a formação integral do ser humano. “Entendia-se a pedagogia dirigida à vida prática, agregando a metodologia ao ensino técnico e ao trabalho manual.” (Hack, 2002 p.88) A ênfase voltava-se para a aplicação dos conhecimentos e a formação do caráter do aluno em sua vida prática. Uma nova visão de mundo baseada na *propagação de ideias de progresso de uma nova sociedade nos moldes norte-americanos*. (HACK, 2002, p.89). Esses ideais, como veremos, encontrarão terreno fértil em uma cidade que buscará construir uma imagem de cidade que progride ancorada na ciência e na tecnologia, que se urbaniza, se verticaliza, se transforma e se afasta do passado colonial.

O crescimento da escola se dá com a implantação subsequente dos graus de ensino partindo da escola primária (1871), para os cursos secundários (1875), cursos técnicos de grau médio nas áreas de química, eletricidade, comercial e magistério (1886) chegando a um conjunto de cursos universitários e pós-graduação, sua configuração atual.

Até a Constituição Estadual de 1891 não havia, no estado de São Paulo, a implantação do ensino superior e, sua Emenda nº 82, define que o ensino secundário, profissional e superior pode ser promovido por indivíduos e associações subvencionadas ou não pelo Estado, estabelecendo assim a possibilidade de abertura de escolas sem a fiscalização direta do Estado. Dentre as iniciativas nesta área, surgem diferentes grupos de debate sobre a importância e características que o ensino superior deveria possuir para atender as demandas do crescimento industrial e econômico do Estado.

No Mackenzie a organização dos cursos preparatórios e superiores literários e de ciência pura e ciência aplicada e, mais tarde, a Escola de Engenharia, se desenvolve conforme a visão política educacional e desenvolvimento de um projeto que trata a educação como um todo – do jardim de infância ao grau acadêmico – despertando no aluno o interesse em progredir nos estudos em todos os seus níveis, para alcançar uma formação acadêmica e profissional. Neste desenvolvimento, e na criação dos cursos universitários, sempre foram observados os mesmos princípios educacionais aplicados já na Escola de teoria e prática aplicadas conjuntamente, o protagonismo do aluno na verificação e aplicação da teoria estudada em laboratórios específicos e aulas de campo, professores de dedicação integral e especialistas nas diferentes áreas do conhecimento.

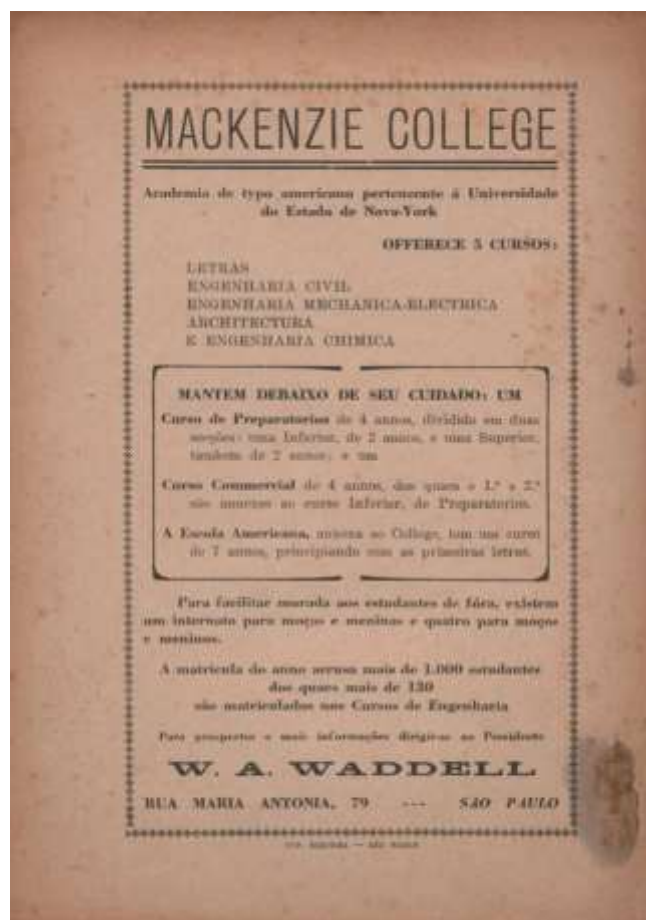
Quatro anos antes da criação da Escola Politécnica do Estado, surge a Escola de Engenharia do Mackenzie College, em 1896, ligada à Universidade do Estado de Nova York, nos Estados Unidos. Esta subordinação, vigente entre 1895 e 1927, implicava inspeções permanentes por delegados norte-americano advindos do “Conselho Superior do estado de Nova York” que participavam, além da supervisão acadêmica,

das avaliações dos *projectos-tese* – trabalhos finais – dos concluintes do curso de Engenharia Civil.

Mendes (2016) destaca que as referências pedagógicas da Escola de Engenharia baseavam-se na prática, mobilizando o aluno a adquirir o hábito do estudo, pensamento metódico e absorção de princípios e ideias que extrapolassem os conteúdos apresentados. Para ele, esta vinculação se dava no espelhamento dos paradigmas das escolas norte-americanas nos programas e cursos desenvolvidos aqui. A fiscalização exercida por inspetores designados pela autarquia norte-americana assegurava o reconhecimento da equivalência, a presença do selo e o timbre da Universidade do Estado de Nova York como garantia do padrão de ensino nos diplomas emitidos pelo Mackenzie College. O crescimento da Escola de Engenharia deu origem aos Cursos de *Engenheiros Mecânicos- Eletricistas* criado em 1916 numa parceria com a empresa norte americana General Electric, e de *Engenheiros-Arquitetos*, iniciado em 1917, que também incorporou contribuições de universidades norte-americanas, especificamente da Graduate School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia.

Essa influência pedagógica americana caracteriza o tipo de profissional formado pelo Mackenzie. Sua orientação mais pragmática atua de maneira decisiva na elaboração de projetos urbanos e remodelações da cidade de São Paulo, tanto no centro histórico quanto nos bairros e eixos econômicos. A grande quantidade de edificações projetadas e construídas por egressos do Mackenzie na primeira metade do século XX, algumas reconhecidas como patrimônio cultural por suas características pioneiras de projeto, construção e uso, marca a presença da Escola na cidade. Importa lembrar da centralidade do saber científico e das escolas de engenharia para legitimação das transformações da cidade, reforçando aqui a validade de um itinerário cultural em que se observa *in loco* as intervenções dos engenheiros mackenzistas e se interpreta os processos de urbanização que marcam São Paulo de forma indelével. Como lembra Bruno, os percursos com propósitos culturais podem contribuir para uma “pedagogia do olhar, apoiada não só na visão, mas na articulação entre os diferentes sentidos” (BRUNO, 2004, p. 37).

Figura 1 - Anúncio dos cursos do Mackenzie College na Revista de Engenharia - 1924



Fonte: Revista de Engenharia do Centro Acadêmico Horácio Lane - Escola de Engenharia Mackenzie - Ano X - n. 32 - setembro de 1924. Acervo CHCM

2.1 Passado e presente da memória Mackenzista no Centro de São Paulo

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional *a atribuição de valor de patrimônio aos bens culturais é a base para sua preservação, seja para abrigá-los nos museus, seja para sua conservação nos contextos em que foram construídos.* Aqui, pensamos ações de valorização e salvaguarda de um patrimônio que permanece em sua ambiência original, por meio de uma prática pedagógica que busca aproximar a comunidade do acervo e da memória que preserva. A prática dos percursos urbanos como fonte de conhecimento sobre a cidade amplia sobremaneira o sentido de espaço museológico e ultrapassa os muros do Centro de Memória. Afinal,

as informações que são extraídas das paisagens, cidades, prédios e objetos, que os transformam em documentos, também os transformam em patrimônio. Isso porque são apropriados para a construção de conhecimento, constituindo-se em fontes de novas produções culturais, em referências de identidade e de história. (MOTTA, 2003, p. 139).

Nossa referência para traçar os itinerários culturais e converter os remanescentes edificados em documentos históricos é a autoria ou execução dos

projetos arquitetônicos dos edifícios e espaços urbanos por alunos egressos ou professores das faculdades de Engenharia e Arquitetura do Mackenzie como marcadores da memória da instituição na cidade. Considera-se assim, que

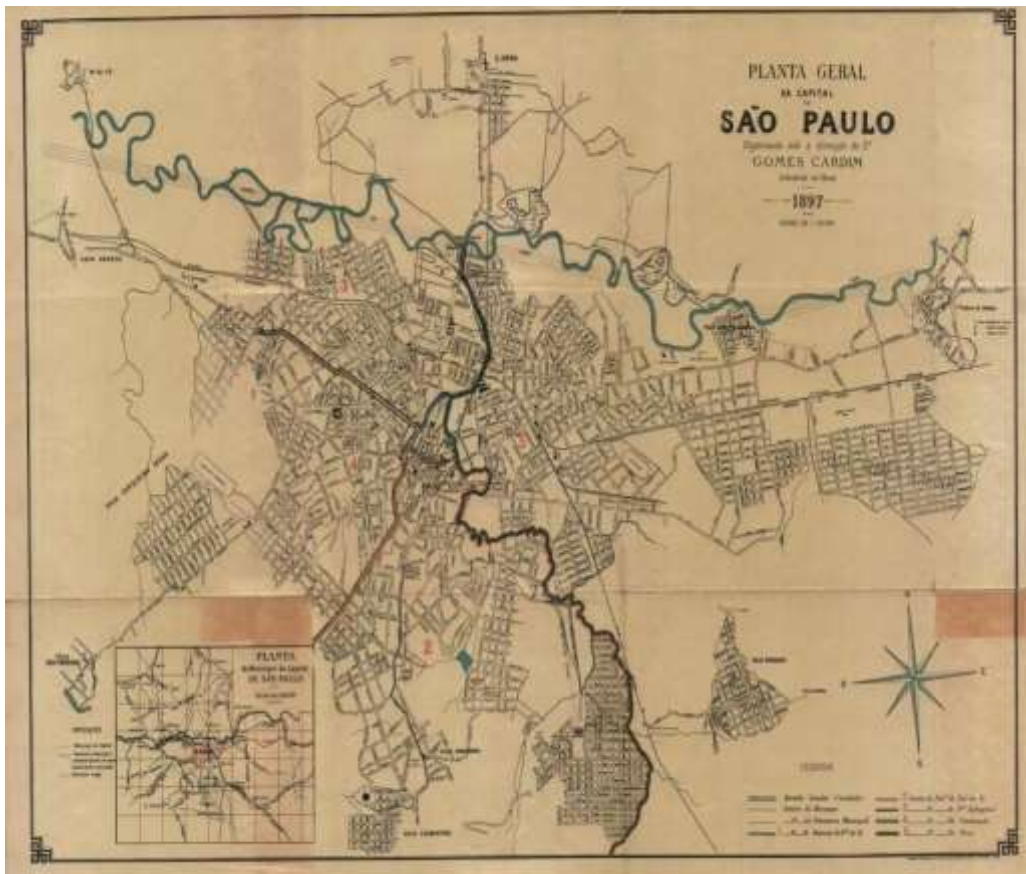
a memória é uma construção no presente, a partir de indicadores culturais relativos às experiências que os indivíduos e os grupos sociais elaboram com seus semelhantes (expressões), com as paisagens (lugares) e com as coisas (artefatos), em suas formas de subsistência, sociabilidade, celebração e representação. (BRUNO, 2015, p. 1).

Articulando as memórias mackenzistas às questões do presente, propõem-se um percurso pelo centro da cidade de São Paulo à luz do que Meneses (1994) define como “living museum”, ou seja, um museu ao ar livre que se utiliza dos edifícios para, como um museu histórico, *explorar, não sínteses históricas sensoriais, mas a transformação dos objetos em documentos históricos. Em vez de teatro, laboratório, com tudo aquilo de criador que essa ideia contém.* (MENESES, 1994, p.33)

Conforme Paes-Luchiari (2006) *a sucessão do tempo na dinâmica das áreas centrais urbanas permanece como memória nas edificações e estruturas remanescentes.*

É assim pois, que nossa incursão pelo território se dá a partir do chamado Triângulo Histórico, formado por três igrejas católicas – Igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1592; Igreja de São Bento, de 1598 e Igreja de São Francisco, de 1647 – onde se deu a primeira ocupação da então Vila de São Paulo de Piratininga e de onde partiu o crescimento da cidade. O perímetro conhecido hoje por “Centro Velho” ou “Centro Histórico” pode ser observado na figura 2. A planta de 1897, porém, anuncia de certa forma a expansão urbana, pois além da cidade existente, representa parte dos planos de futuros arruamentos, podendo ser considerada um esboço do que São Paulo viria a ser nas próximas décadas (SIMONI, 2012). Para Simoni, mais do que a representação da cidade real, a planta de 1897 é *um retrato da sociedade paulistana em um momento de grande instabilidade e mudanças econômico-sociais.* (SIMONI, 2012, p. 325)

Figura 2 - Planta Geral da Capital de São Paulo de Gomes Cardim - 1897



Fonte: Acervo Histórico Municipal

Como lembra Zuffo (2009), em seus três primeiros séculos de existência, São Paulo não ampliou sua área construída, permanecendo restrita ao 'triângulo' [...]. No entanto, no século XX, a cidade entrou num intenso processo de construção/destruição[...] e, de um pequeno burgo, tornou-se importante centro urbano num processo abrupto e veloz (ZUFFO, 2009, p. 72-73). Carlos Lemos lembra que em 1875, no começo da euforia remodeladora, São Paulo tinha menos de três mil prédios, em 1900 já eram vinte e um mil e em 1910, trinta e dois mil. Ou seja, *todas as velhas obras de taipa, muitas ainda do tempo da colônia, foram derrubadas e substituídas por outras de tijolos. (...) Havia de se exorcizar a pecha de caipira* (LEMOS, 1987, p. 73).

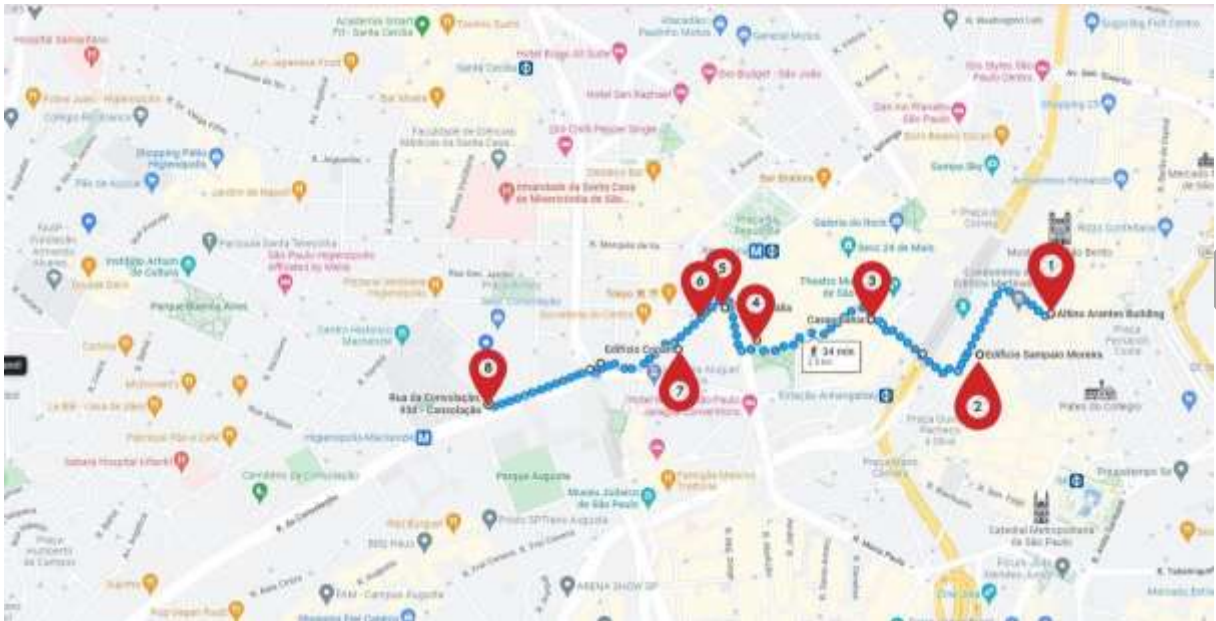
A maior parte dos projetos e edifícios que compõe o itinerário, insere-se em um período de grandes transformações e crescimento da cidade de São Paulo, que buscava construir uma imagem que suplantasse seu perfil colonial por meio da exaltação do progresso, da riqueza e dos avanços tecnológicos (TRAGANTE, 2017). O período em que se concebe boa parte das edificações projetadas e/ou construídas por engenheiros e arquitetos mackenzistas é um momento de entusiasmo com a verticalização, a urbanização e a industrialização, mas que passa aos poucos a conviver com problemas urbanos e contradições sempre mais visíveis na cidade. As escolas de engenharia, os engenheiros e seus discursos, certamente têm papel central na construção desse imaginário de cidade que cresce e se urbaniza. Nesse sentido, a ambiência do percurso urbano é um lugar potente para problematizações e para a tomada de consciência sobre a cidade tal qual nos propõe o professor Ulpiano, sendo

imperioso desnaturalizar a cidade, fazê-la percebida como artefato, artifício, coisa criada, instituída pelo homem, para si, para seus interesses, contra, eventualmente, interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente, submetida a forças e mecanismos que podem ser identificados. (MENESES, 2003, p. 279)

O itinerário urbano proposto como comunicação extramuros do acervo do CHCM percorre um trajeto de aproximadamente 2 km iniciando no Centro Histórico de São Paulo e finalizando no campus Higienópolis do Mackenzie. São oito edifícios contemplados no percurso, todos concebidos, projetados ou edificados com participação ativa de professores ou egressos da Escola de Engenharia ou da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie e que constituem marcos na história da cidade. Na Figura 3 é possível observar o percurso e suas paradas sinalizadas em cada um destes edifícios.

O percurso tem início no **Edifício Altino Arantes (1)**, localizado na rua João Bricola. Datado de 1939, foi a antiga sede do Banco Banespa, atual Santander e é de autoria do Engenheiro-Arquiteto Plínio Botelho do Amaral, formado no Mackenzie na turma de 1927. Altino Arantes, que dá nome ao edifício, foi presidente do banco entre os anos de 1926 e 1930. Com 161 metros de altura, foi o prédio mais alto do país por cerca de duas décadas entre os anos 1930 e 1940. Segundo a revista francesa *Science et Vie*, a maior estrutura de concreto armado do mundo, pois seu concorrente *Empire State Building* de Nova York, possuía estrutura metálica (SALES, 2014, p. 79). Com 35 andares e 14 elevadores, segue a corrente *Art Déco*, no auge entre os anos 1930 e 1940, possui acabamentos suntuosos, como o uso de granito polido e bronze no piso do saguão e paredes revestidas em mármore. O quinto andar, usado para abrigar a presidência e as diretorias, é revestido em madeira jacarandá paulista, executada pelo Liceu de Artes e Ofícios. Impossível enumerar aqui os detalhes de sua infraestrutura, dos seus elementos construtivos e decorativos, mas a materialidade desse bem merece ser analisada também por suas representações imateriais, pelas relações de saber e poder relacionadas à sua produção, pelo que simboliza. O Banespa tem origem em 1909, como Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo e investidores estrangeiros para financiar a cafeicultura paulista, sendo nacionalizado em 1919 pelo governo paulista ao tornar-se acionista majoritário, quando passou a se chamar Banco do Estado de São Paulo – Banespa, em 1927. Com sua expansão, ganha uma sede condizente com suas dimensões, no centro de São Paulo (SALES, 2014, p. 78-79) Seu impacto visual, sua imagem- referência, seu simbolismo na construção identitária local, seu alto padrão construtivo são alguns dos aspectos que exprimem as dimensões da materialidade do poder econômico do Banco e a concretização de um desejo paulistano por grandiosidade (SALES, 2014).

Figura 3 - Percurso



Fonte: Google Maps com marcações das autoras
1 Edifício Altino Arantes, 2 Edifício Sampaio Moreira, 3 Edifício João Bricola, 4 Galeria Metrôpole, 5 Edifício Itália, 6 Edifício Vila Normanda, 7 Edifício Copan, 8 Edifício João Calvino

Figura 4 - Edifício Altino Arantes



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 71

Um dos mais icônicos objetos desta seleção é o **Edifício Sampaio Moreira (2)**, localizado na Rua Líbero Badaró, reconhecido como um dos primeiros edifícios de grande porte vertical construído na década de 1920 utilizando-se de estrutura de concreto armado, tecnologia inovadora à época e que impulsionou o desenvolvimento da verticalização da cidade, embora se argumente que o edifício Martinelli tenha transmitido com mais eloquência as novas possibilidades de crescimento vertical (SOMEKH, 1997, pp. 88). Mas, conforme estudo de Carrilho (2014) o Edifício Sampaio Moreira se destacou por muitos anos na paisagem do Vale do Anhangabaú,

[...] pelo contraste de sua estrutura vertical situada entre o palacete Conde Prates e o Palacete que abrigava a sede da Prefeitura. Este edifício marcaria também, entre outros, uma característica desencadeada pelo plano urbanístico proposto por Victor Freire para o anel que circulava o Triângulo, especialmente nos eixos formados pelas ruas Líbero Badaró e Boa Vista. [...] (CARRILHO, 2014, p.6)

Sua autoria é de Christiano Stockler das Neves – criador e primeiro diretor do curso de Engenheiro-Arquiteto vinculado à Escola de Engenharia Mackenzie College – e de seu pai, o engenheiro Samuel das Neves. Inaugurado em 1924, o prédio de 50 metros de altura e 14 pavimentos, de estilo eclético, também se destaca no avanço das práticas de planejamento da arquitetura, construção e engenharia civil no uso de elevadores importados montados da América do Norte. Todos estes aspectos são emblemáticos do período: o fenômeno da verticalização, a industrialização brasileira do cimento que viabiliza estruturas em concreto armado, a oferta de energia elétrica, a hegemonia do ecletismo.

Figura 5 - Edifício Sampaio Moreira - década de 1920



Fonte: Relatório do Projeto de Pesquisa: O Centro Histórico de São Paulo: Documentação e Estudos de Reabilitação, 2014

O estudo de Carrilho (2014, p. 5) ainda aponta que *estas realizações materializavam avanços econômicos e técnicos que vinham ocorrendo num ambiente de intensa mudança e desenvolvimento que a cidade de São Paulo assistia no século XX [...] e nos leva a examinar a característica formacional dos engenheiros e arquitetos que, no período entre as décadas de 1920 a 1950, foram grandes responsáveis pela verticalização da cidade.*

Christiano Stockler das Neves especializou-se em Arquitetura na Scholl of Architecture (Fine Arts School) da Universidade da Pensilvânia, no período de 1909 a 1911, após sua formação inicial no curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica de São Paulo, em 1907. Neste período nos Estados Unidos conviveu e foi aluno de diferentes mestres europeus que incorporavam ao ensino, métodos e princípios teóricos das escolas de Belas Artes francesas.

Mendes (2017) ao expor a trajetória de Christiano Stockler, ressalta que em seu regresso a São Paulo, ele procurou aplicar e difundir os conceitos que absorvera, fazendo as devidas contextualizações, sintetizando as tradições acadêmicas francesas com as influências norte-americanas, na formação dos arquitetos no Mackenzie College.

Conforme o Anuário do Mackenzie College de 1942 vemos este interesse nas próprias palavras de Stockler:

Empolgado com os métodos das universidades norte-americanas para o ensino de arquitetura, pensei, ainda nos bancos acadêmicos, em trazê-los para o nosso país. Aqui chegando, aguardei o momento oportuno para isso, na convicção de que faria obra patriótica e útil, organizando um curso moldado nos das grandes instituições de ensino dos Estados Unidos (ANUÁRIO, 1942, p.40).

Sua participação foi central na criação da formação de engenheiro-arquiteto, perpetuando sua concepção de ensino através do recrutamento de docentes e da direção da Escola entre 1917 e 1956, tendo inclusive gerado conflitos entre uma nova geração de estudantes que buscavam modernizar o curso (ROSATTI, 2016). A escolha e contratação de professores, os currículos, as disciplinas e os conteúdos programáticos da então formação de Engenheiros-Arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie e, a partir de 1947, Faculdade de Arquitetura, que são parte do acervo do CHCM, nos permitem analisar as características e tendências da formação dos egressos deste curso que, quando no exercício de suas atividades profissionais, participaram ativamente da construção e modificação da paisagem urbana do centro de São Paulo, a exemplo das edificações que destacamos ao longo deste percurso.

A cidade se expandia e a região central passava a se constituir nó fundamental de conexão entre os novos bairros. Espaço de encontro e lazer, de passagem, de manifestações políticas, as transformações no Vale do Anhangabaú o tornam modelar do processo de urbanização da cidade, passando por canalização de rios e córregos, inauguração de viadutos e ampliação de ruas e avenidas, intervenções paisagísticas, conjuntos escultóricos projetados nos anos 1920, atravessamento por vias expressas nos anos 1930, demolições de palacetes e instalação de edifícios cada vez mais altos. Entre as propostas constantes de remodelação destaca-se o concurso proposto pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) nos anos 1980, vencido pelos Arquitetos Jorge Wilhein – formado pelo Mackenzie em 1952 e professor da Faculdade de Arquitetura – Jamil José Kfourri e da Arquiteta Rosa Gléna Kliass – da Universidade de São Paulo, com

um projeto dedicado a devolver aos pedestres a área central ocupada então por veículos, consequência da opção pelo automóvel que também marca a cidade fortemente.

Seguindo o percurso, encontramos em frente ao Teatro Municipal o **Edifício João Brícola (3)**, de 1936, que ficou conhecido como Prédio do Mappin, uma loja de departamentos originada na tradicional loja inglesa Mappin & Webb, fundada no século XVIII na Inglaterra. O advento das lojas de departamento acrescentava à vida dos paulistanos "a experiência da fantasia e da sedução do consumo vivenciado nas grandes metrópoles" (LOBATO, 2018, p. 88), um espaço de consumo, lazer e sociabilidade, com salão de chá, biblioteca, além de cenógrafos e figurinistas produzindo suas vitrines (LOBATO, 2018).

Figura 6 - Edifício João Brícola



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 67

O Mappin foi inaugurado em 1913 em um edifício na rua XV de Novembro, em 1919 se mudou para a Praça do Patriarca e apenas em 1939 passou a ocupar o Edifício João Brícola, quando iniciou seu processo de maior popularização (LOBATO, 2018, p. 118). O prédio é de autoria do Professor do Mackenzie e do Arquiteto Elisário da Cunha Bahiana, que também é o autor da requalificação do Viaduto do Chá em 1938. Abascal (2017 p. 123) ressalta a influência de Cunha Bahiana como docente na FAU Mackenzie na década de 1950 por meio dos *exercícios realizados nas disciplinas Pequenas e Grandes Composições passariam a exibir uma expressão clássica modernizada, que no início dos anos de 1950 reproduziam o Art Déco*, estilo utilizado em ambas as construções. Aliás, Carlos Lemos se refere a este arquiteto como grande cultuador do Art-Déco entre nós, tendo sido aqui o precursor da corrente no final dos anos 1920, acrescentando que no âmbito popular, este estilo era chamado de *futurista* (LEMOS, 1987, p. 97). Um edifício que vale a pena sublinhar por ter sido o primeiro Art-Déco, embora fora do itinerário aqui proposto, é o Saldanha da Gama, projetado também por Elisário, em 1928. A partir dos anos 1930, o estilo se popularizou, passando a dialogar mais estreitamente com a produção industrial e a possibilidade maior de reprodução. A arquitetura Art Déco é assim um outro marcador da modernização da paisagem urbana, com a geometrização dos ornamentos em contraponto com os estilos clássicos utilizados

até então. Assim, essa gramática de estilos nos permite aludir ao campo de signos e significações formados na experiência, na dimensão do que é vivido onde *seus sujeitos são agentes sociais cujos lugares sociais é necessário identificar* (MENESES, 2003, p. 264).

No Centro Novo de São Paulo, próximo da Avenida São Luiz, destaca-se também o Conjunto Maximus, construído em 1960 e nomeado posteriormente de Centro Metropolitano de Compras, também conhecido por **Galeria Metrópole (4)**.

Figura 7 - Galeria Metrópole



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 67

Projetado pelos Arquitetos Salvador Candia – da turma de formandos do Mackenzie de 1948 – e Giancarlo Gasperini – formado em 1949 pela Università di Roma/Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, – o edifício é um exemplo da Arquitetura Moderna. Seu projeto se origina de um concurso que previa uma galeria comercial nos pavimentos inferiores, sobre os quais seria erguida uma torre de escritórios. (MARCHELLI, 2016, p.104-5). Fialho lembra que o "edifício- galeria" foi uma configuração de edifício consolidada nos anos 1950, de modo a conjugar funções de comércio e serviços (FIALHO, 2007, p. 99). A proposta confunde a delimitação do público com o privado, com varandas nas quais pode-se sentar e ver o entorno, aliás, segundo Cunha Júnior, a importância do projeto reside no diálogo que estabelece com seu contexto urbano, o Centro Novo da cidade. Um partido arquitetônico que nasce neste momento crucial de modernização urbanística do centro (CUNHA JR 2007).

O **Edifício Itália (5)** situa-se em um lote de esquina das Avenidas Ipiranga e São Luís. É um empreendimento comercial do Circolo Italiano, tradicional associação da colônia italiana de São Paulo e um dos maiores objetos de interesse turístico do centro da cidade, sobretudo pela vista panorâmica que proporciona e pelo seu célebre restaurante, o Terraço Itália.

Figura 8 - Edifício Itália



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 105

Foi projetado em 1956 pelo arquiteto Adolf Franz Heep, formado na Alemanha e discípulo de Adolf Meyer e Le Corbusier, lecionou no Mackenzie de 1958 a 1965. Ainda hoje este exemplar da arquitetura moderna permanece um edifício gigante com 151 metros de altura, 46 pavimentos e uma população flutuante de 25 mil pessoas. Outras propostas foram apresentadas ao Circolo Italiano, tendo sido escolhida a de Heep, entre outros aspectos, por aproveitar melhor o terreno disponível e possibilitar maior rentabilidade (FUJIOKA, 2006), sendo um exemplar a partir do qual podem ser observadas as influências norte americanas dos edifícios altos e a ideia de multiplicação do solo urbano por meio da verticalização (SOMEKH, 1997).

De acordo com a análise de Marchelli (2016) o projeto, em sua concepção, primava também pelo diálogo entre as áreas pública e privada, característica do período urbanístico onde a integração e ocupação dos espaços internos e externos era preconizada em diferentes edificações da região central.

Entre o Edifício Itália e o Copan, destacamos ainda o **Vila Normanda (6)** de 1964 projetado pelo Engenheiro-Arquiteto Mackenzista Lauro da Costa Lima, formado em 1941.

Figura 9 - Edifício Vila Normanda



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 95

O edifício comercial de 17 andares e térreo com serviços e via de passagem, ocupa um terreno onde antes existia um conjunto de casas em estilo normando. São também conhecidos os murais pré-moldados de Antonio Maluf, azulejos retangulares esmaltados que revestem a área planejada pelo arquiteto a partir de uma lógica baseada no conceito de arte concreta que transmite a percepção de infinito. Percebe-se aí também uma interação entre a arte e a indústria e um espaço de visibilidade da arte concreta paulista (SANTIAGO, 2009) no vai e vem dos pedestres no centro da cidade.

O **Edifício Copan (7)**, de 1966, localizado na Avenida Ipiranga, nomeado "Maciço Turístico Copan" é considerado *exemplo das soluções características da arquitetura moderna* (CARRILHO, 2014, p.6).

Figura 10 - Edifício Copan



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 123

Seu projeto foi uma encomenda da Companhia Pan-Americana (Co-Pan) de Hotéis e Turismo ao arquiteto Oscar Niemeyer para compor as comemorações do IV Centenário de São Paulo em 1954. Sua execução e co-projeto ficaram a cargo do Arquiteto Carlos Alberto Cerqueira Lemos, formando da turma de 1950 do Mackenzie. De acordo com Marchelli (2016) o edifício Copan se tornou *paradigma do modelo de "cidade vertical"* e possui até seu próprio *Código de Endereçamento Postal (CEP)*. (MARCHELLI, 2016, p.68). Ainda em acordo com as colocações de Marchelli, o projeto sinuoso do edifício que abarca uma distribuição das galerias e espaços comerciais no térreo, configura um espaço de circulação interno como passeio semipúblico, numa continuidade com o espaço externo, criando um corredor de conexão entre a Avenida Ipiranga, a Vila Normanda, a Vila Unai e a Rua Araújo, sendo um complexo equipamento urbano.

O espaço exterior integra-se, também, com o interior a partir das generosas aberturas, que são cinco no total. Ainda que o acabamento do piso interno seja diferente do da calçada, a conexão entre ambas as partes não fica comprometida. Devido à implantação do edifício, as calçadas também se alargam e se integram com o térreo e, conseqüentemente, estende-se o espaço público. (MARCHELLI, 2016, p.70).

Atualmente o prédio ainda é considerado um ícone da arquitetura e construção utilizando estrutura de concreto armado. Dividido em seis blocos residenciais, possui um total de mil cento e sessenta apartamentos, numa estimativa de cinco mil residentes e ais de setenta estabelecimentos comerciais.

Encerrando o percurso na Rua da Consolação, observamos o **Edifício João Calvino (8)**, projetado em 1961 pelos Arquitetos mackenzistas Alberto Botti e Marc Rubin, formados pelo Mackenzie em 1955, para sediar a empresa Nestlé.

Figura 11 - Edifício João Calvino



Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 165

Segundo Botti, este foi o primeiro projeto complexo para os *jovens arquitetos que lutavam por reconhecimento* (BOTTI, 2002, p. 94). Além da demanda da empresa por espaços de laboratório, escritórios, departamentos específicos, entre outras estruturas para seus 600 funcionários, foi prevista uma central de ar-condicionado, ainda pouco usual em edifícios comerciais da cidade. Recuperar esta sede para a Nestlé, empresa transnacional suíça do setor de alimentos e bebidas, embora demarque aqui o fim do nosso itinerário, é representativo de uma fase importante de entrada de capital estrangeiro no país, na esteira do desenvolvimento industrial que foi impulsionado nos anos 1950. Após a intensa febre da verticalização, do acúmulo cada vez maior de funções no centro da cidade, séries de intervenções viárias e uso intenso do solo, a área central inicia um processo de saturação a partir dos anos 1950 e os novos investimentos serão capitaneados por outras centralidades, notadamente a Avenida Paulista (FIALHO, 2007; MARIANO, 2013). A empresa Nestlé ocupou o endereço até o final dos anos 1990 quando se mudou para outra região da cidade. O edifício foi vendido ao Mackenzie, que já ocupava o terreno contíguo até a rua da Consolação, e o utiliza atualmente para abrigar seus setores administrativos e de pós-graduação. Essa prática da requalificação de edifícios para novos usos é também um rico tema para novas narrativas sobre os usos e reusos do patrimônio cultural em constante processo de ressignificação.

2.2 Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM): potencialidades e desafios

Conforme define Camargo (2015) aos centros de memória cabe preservar, pesquisar e difundir a história e identidade de uma instituição por meio da coleta e salvaguarda de acervos materiais e imateriais, disponibilizando-os para pesquisa e difusão pública, contribuindo para a preservação de sua memória e aproximando-a do público em geral. De certa forma, este aspecto aproxima os Centros de Memória das finalidades do Museu que, por meio de seus acervos e documentos organizados e categorizados deverão, conforme aponta Meneses (2003) *ser lugar da identidade, mas como objeto de caracterização e para conhecimento e entendimento de seus suportes, matrizes sociais, funcionamento, efeito, transformações*. (MENESES, 2003, p.266).

Convém acrescentar a potencialidade da comunicação do acervo urbano em tela no que se refere à possibilidade de reflexão crítica a respeito da atuação dos mackenzistas na cidade e, por extensão, dos processos de modernização da cidade. O desafio da salvaguarda dessa memória transborda assim, do CHCM para âmbito da gestão urbana. Como contraponto à importância da demarcação do Mackenzie na cidade, o itinerário também chama a atenção para os lugares de memória demolidos para a expansão da metrópole. O caso da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, construída na primeira metade do século XIX e ligada aos ideais abolicionistas na capital, exemplifica a *cidade como campo de forças*, sendo demolida em 1943 em nome da remodelação viária (Gonçalves, 2021), do qual o Plano de Avenidas de Prestes Maia, apresentado em 1930 talvez seja o maior exemplo de projeto rodoviarista e expansionista, constituindo as bases da progressiva expansão territorial da cidade (SILVA, 2004). A transformação urbana que o itinerário nos convida a analisar indica não só a pluralidade interpretativa do patrimônio

cultural e as diversas formas de extroversão do material sob guarda do CHCM, mas também a suscetibilidade dos bens culturais dispersos na cidade frente à valorização fundiária como questão urbana que persiste no tempo presente.

Ao falar sobre o Museu de Cidade, Meneses (2003) chama a atenção para a necessidade de um “fio condutor” que dê sentido aos acervos. *“Expor não é simplesmente exibir objetos, mas permitir, por intermédio das relações entre objetos, que se percebam problemas, outras dimensões não aparentes da vida puramente sensorial.”* (MENESES, 2003, p.273). Essa perspectiva referencia a abordagem pretendida para apresentar o acervo sob guarda do CHCM e aquele ambientado na cidade. Uma ação extramuros que amplia as possibilidades de novas perguntas, inspirando ações expositivas mais interativas e que favorecem a percepção dos habitantes como parte da construção da cidade e sujeitos atuantes, seja na apropriação social que dá sentido às estruturas físicas (artefato), no exercício da territorialidade e na participação ativa em defesa dos seus interesses (campo de forças) ou nas práticas que dão forma e função aos espaços constituídos (representação), à luz do que nos propõe MENESES (2003).

3 CONSIDERAÇÕES

Sem a pretensão de aprofundar todas as questões que envolvem esse intenso período de desenvolvimento da cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX, propusemos apenas uma forma de comunicação museológica que desse conta de um acervo extramuros impossível de ser salvaguardado em um centro de memória. Pela riqueza da ambiência na qual se encontram os exemplares edificados que representam parte da memória mackenzista, somada à diversidade e complexidade de temas e questões que incita, consideramos que itinerários culturais constituem práticas capazes de amplificar as possibilidades de interpretação, estudo e ações de salvaguarda patrimonial.

Por meio da ação de extroversão deste acervo, que é também uma possibilidade de incursão dos turistas pelo centro da cidade, buscamos evidenciar a participação ativa dos mackenzistas nas transformações urbanas que marcaram permanentemente a cidade, propondo uma abordagem deste legado em diferentes perspectivas, para além de uma leitura estrita de aspectos construtivos, estéticos e estilísticos que poderia ser interpretada como um olhar fetichista, ocultando as problematizações que tais artefatos permitem. Nesse sentido, são profícuas as dimensões do espaço urbano propostas pelo professor Ulpiano para o desvendamento daquilo que dá sentido ao patrimônio cultural. Olhar a cidade e analisar o legado mackenzista interpretando-os em sinergia com o desenvolvimento na cidade pode também iluminar o percurso do CHCM na diversificação de suas narrativas no esforço de incluir outras abordagens da história institucional.

REFERÊNCIAS

ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi. Pragmatismo e idealismo na Faculdade de Arquitetura Mackenzie: concepções de partida e a genealogia de uma identidade. In ALVIM, Angélica Tanus Benatti, ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi, ABRUNHOSA, Eduardo Castedo (orgs). **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU- Mackenzie 70 anos:**

pioneirismo e atualidade. 1 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

ALVIM, Angélica Tanus Benatti, ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi, ABRUNHOSA, Eduardo Castedo (orgs). **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU- Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade.** 1 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

ANUÁRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Instituto Mackenzie, v.8, 1942.

BOTTI, Alberto. RUBIN, Marc. **Botti Rubin Arquitetos: selected and current works.** Mulgrave: Images Publishing Group. p. 9. (The Master Architect Series V.), 2002.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Os territórios da memória e a memória dos territórios.** Palestra proferida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 23 de Janeiro de 2015. Instituto Brasileiro de Museus. *Museus e Turismo: estratégias de cooperação.* Brasília, DF: IBRAM, 2015.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. As exposições no cenário museal. *In:* MAGNANI, José Guilherme Cantor; WAKAHARA, Julio Abe; CAUHY, Jupira; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FRANCO, Maria Ignez Mantovani. **Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole.** [S.l: s.n.], 2004. P. 36-47.

CAMARGO, Ana Maria; Goulart, Silvana. **Centros de memória: uma proposta de definição.** São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

CARRILHO. Marcos José. **Relatório do Projeto de Pesquisa: o Centro Histórico de São Paulo: Documentação e estudos de reabilitação – 4ª etapa.** São Paulo: MACKPESQUISA - Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2014.

CUNHA JR. Jaime. **Edifício Metrôpole: um diálogo entre arquitetura moderna e cidade.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. SP: 2007.

FIALHO, Roberto Novelli. **Edifícios de Escritório na Cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 2007.

FUJIOKA, P. Y. **O Edifício Itália e a arquitetura das torres de escritórios em São Paulo.** Pós FAUUSP, (19), p.112-127. 2006. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i19p112-127>

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Mário de Andrade e os azulejos azuis no centro de São Paulo: historiando o desaparecimento da igreja Nossa Senhora dos Remédios.** Patrimônio e Memória, Assis, SP, v.17, n.2, p.26-49, jul-dez/2021.

HACK, Osvaldo Henrique. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro: uma proposta de universidade.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

LEMONS, Carlos. *Eclétismo em São Paulo.* In: FABRIS, Annateresa (org). **Eclétismo na arquitetura brasileira.** SP: Nobel/EDUSP, 1987.

LOBATO, Nathália Theophilo. **Estylo Chic a Preços Módicos? Gostos e públicos da loja Mappin Store em São Paulo, 1913-1920**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2008.

MARCHELLI, Maria Victoria. **Urbanidade: verticalização, densidade e percepção nos espaços urbanos**: edifícios como articuladores e estruturadores de urbanidade no centro expandido da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2891>> visualizado em 19 de março de 2022.

MARIANO, Denis Alves. **O panorama atual da requalificação de edifícios de escritórios na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

MENDES, Marcel. **Tempos de transição**: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973). 2.ed. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

MENDES, Marcel. O Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie. In ALVIM, Angélica Tanus Benatti, ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi, ABRUNHOSA, Eduardo Castedo (orgs). **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**. 1 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

MENESES, Ulpiano B. **Do teatro da memória ao laboratório da História**: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N.Ser v.2 p.9-42 jan./dez.1994.

MENESES, Ulpiano B. **O Museu de cidade e a consciência da cidade**. Conferência no Seminário Internacional “Museus & Cidades”. Livro do Seminário Internacional / organização: Afonso Carlos Marques dos Santos, Carlos Kessel, Cêça Guimaraens. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P. 255-82.

MOTTA, Lia. **O patrimônio das cidades**. Conferência no Seminário Internacional “Museus & Cidades”. Livro do Seminário Internacional / organização: Afonso Carlos Marques dos Santos, Carlos Kessel, Cêça Guimaraens. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P. 123-153.

PAES-LUCHIARI, Maria Tereza Duarte. **Centros Históricos, Mercantilização e territorialidade do Patrimônio Cultural Urbano**. Revista GEOgraphia, 2006, ano 7, n. 14. Disponível em: <<http://periódicos.uff.br/geografia/article/view/1390/8690>>.

ROSATTI, Camila Gui. **Casas Burguesas e Arquitetos Modernos**: condições sociais de produção da arquitetura paulista. Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: 2016.

SALES. Gladys Mary Santos. Arqueologia e edificação - a representação da identidade da elite paulistana a partir da construção do Edifício Altino Arantes - o “Banespão”, na década de quarenta. **Revista Memorare**, Tubarão. v. 1, n. 3, p. 68-95, ago./set. 2014.

SANTIAGO, Stela Elia Martins. **Antonio Maluf: arte concreta na arquitetura moderna paulista (1960/70)**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 2009.

SIMONI, Lucia Noemia. A planta da cidade de São Paulo de 1897: uma cartografia da cidade existente ou da cidade futura? **Arquivos do Museu Natural e Jardim Botânico - Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 20 n. 2, p.301-28, 2011.

SILVA, Luís Octávio. Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: modernização limitada. In: CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. **São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Edusp, 1997.

TRAGANTE. Cinthia Aparecida. Progresso e problema urbanos de São Paulo representados nas revistas técnicas no início do século XX. SEMINÁRIO URBANISMO E URBANISTA NO BRASIL, 3., Recife. **Anais [...]**. Recife- PE, 2017, p. 162-176.

ZUFFO, Élide Regina de Moraes. **Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2572>> Acesso em 19 de março de 2022.

WHITEHEAD, Christian. History Displayed: museography and the notion of “territory” in post-war-Italy. **Revista de História da Arte e Arqueologia da UNICAMP**, n. 4, ago./2000

Mackenzie was here: cultural itineraries in the city of São Paulo

Abstract

From the identification of a set of cultural assets that demarcate the presence of architecture produced by former students and professors of Universidade Presbiteriana Mackenzie in the central region of São Paulo, this work proposes a broad conception of a museological route, connecting the Mackenzie Historical and Cultural Center (CHCM) to the city. The collection and the educational activities already developed by the CHCM, added to the idea that urban artifacts can be understood as objects on display, provide an opportunity to reread this urban legacy as an extramural collection. The work thus proposes to explore this memory through cultural itineraries as an action of broad museological communication, which at the same time brings the community closer to the institution and expands the possibilities of tourist routes in the city.

Keywords: *Institutional Memory; Museum and city; Cultural itineraries; Mackenzie.*

Artigo recebido em 05/07/2022. Aceito para publicação em 04/12/2022.